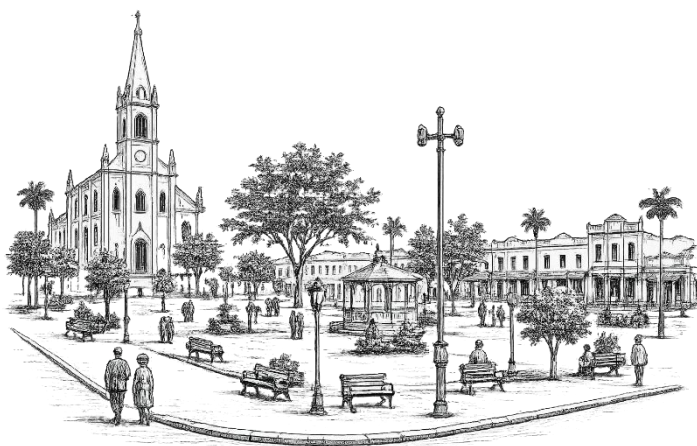


NOSSA CIDADE



Viagem no tempo

O salto de 1959 para 2021

Ourinhos de ontem, hoje

A velha Ourinhos continua existindo

É como colorir uma foto

Lembranças trazem de volta a velha cidade

Ourinhos, o mundo é aqui

O mundo todo reunido em uma cidade

Nossa terra era vermelha

Sem calçamento, sem calçada...

Vila Nova, Vila Margarida

A vila que era um dos marcos de Ourinhos

A primeira FAPI

O evento que divide a velha e a nova Ourinhos



Viagem no tempo

José Carlos Marão

Foi como se tivesse ido dormir em 1959 e acordado em 2021, no meio de um barulhão em uma rua que, me disseram, tinha sido a rua Paraná.

Da Euclides da Cunha até a Rio de Janeiro, da São Paulo até a Monsenhor Córdova, é tudo comércio. Uma infinidade de lojas e bares que, aparentemente, estão pagando corretamente alugueis e funcionários. Uma cidade próspera, que sustenta tudo aquilo.

Revi na memória a rua Paraná, com o bar do Daniel, o bazar do Jorge, a selaria São Luís, a papelaria dos Azevedo. Desci até à Casa dos Retalhos, olhei bem para a Padaria Oriente e nem sei o que está lá agora.

Continuei pela rua Paraná, hoje o calçadão. Bar do Tide, salão do Virgílio, sede do Ourinhense. Cheguei no jardim - um jardim amarelado, sem grama - e sentei de frente para o que tinha sido a Igreja Velha. Não conseguia ver o que estava ali. Onde estão as Casas Pernambucanas, eu via o banco Comercial. Vi o bar Paratodos, a relojoaria Lisboa, o Café Paulista. Enfim, Ourinhos existe na minha memória. Aquela próspera cidade que está lá também se chama Ourinhos. Ainda não consegui conhecer. Preciso voltar.

Seguimos pela Nove de Julho, meu irmão e eu.





Pô, pintaram o Grupão de azul claro!

E subimos a Euclides da Cunha. O prédio novo do Horácio Soares está firme. Já tem uns 60 anos.

Ficamos por ali, olhando a placa, o busto do Horácio com a máscara anticovid, até que uma mocinha ali da escada ficou curiosa:

- Ex-alunos?

E os dois viajantes do tempo foram levados para dentro, com todas as honras, recebidos pelo diretor, com passeio pelas instalações. Duas peças de museu visitando um pátio, onde, acho que vi, no meio da molecada, quatro jogando truco. Imaginei o Luís Gonzaga Diniz ali.

Recebidos e tratados com muita gentileza. Falamos do nosso tempo, contamos sobre a luta pela construção do novo ginásio, mencionamos o Norival.

- *Norival?*

- Sim, era uma espécie de orientador, de líder.

- *Ah, acho que é nome de uma escola.*

- E o Gerb, o que tem feito?

- *Gerb? O que é isso?*





Em 2015, Euclides Rossignoli, no seu livro “Outras Coisas”, dizia que o progresso de Ourinhos não impede reviver, nas conversas, os hábitos e o comportamento na velha cidade.

Ourinhos de ontem, hoje

Euclides Rossignoli

Alguns daqueles amigos que viveram em Ourinhos os mágicos anos 1950 e depois se mudaram costumam dizer que a Ourinhos de hoje é outra cidade. Nem têm vontade de visitá-la. Para confortá-los, costumo dizer, invocando nosso amigo Faruk, que, na verdade, Ourinhos mudou e não mudou.

Tem muita coisa ainda por aí. O Grupão, cheio de significados, está lá, íntegro, belo. Só faltam a criançada e a baiana do tabuleiro de martelinho. Ao lado, o Teatro Miguel Cury, o antigo Cine Ourinhos.

Indo do centro para a Vila Moraes, duas instituições dos tempos remotos: o velho e bom Colégio Estadual Horácio Soares e a Santa Casa de Misericórdia. Os prédios passaram por reformas e ampliações, mas em tudo lembram nosso tempo de juventude. A Praça do Posto de Puericultura, aquela agradável praça, também continua lá com seus bancos antigos.

Eu sei que faltam outras coisas. Faltam o Café Paulista, o Bar do Tide, o Bazar do Pedrinho.





Mas a Praça Mello Peixoto continua onde sempre esteve. Dá perfeitamente para se reunir e conversar sobre tudo. Falar do dia em que um avião escreveu “Hugo Borghi” no céu da cidade. Do dia em que Ourinhos ficou paralisada com a notícia do assassinato do seu Lúcio pelo genro, o Miguelzinho dentista. Do dia em que o Thomé trepou numa escada e cortou o fio do alto-falante. Do dia em que o time do São Paulo ganhou de dez a zero do Operário. Do dia em que o trem pegou o João Serrote. Do dia em que o Gibi matou o irmão. Do dia em que o Ourinhense bateu o Fluminense por quatro a um. Na esquina da São Paulo com a Arlindo Luz continua em pé o prédio onde funcionou o Bar do Brisola e, em frente dele, a Mapeuva. Não haverá muita gente hoje que saiba o que foi a Mapeuva, aquele bar só de vitaminas.

Descendo a pequena ladeira no rumo norte encontramos ainda a velha estação ferroviária que servia de ponto de passagem, chegada e saída dos enormes trens de carga e de passageiros da Sorocabana e da RVPSC. É possível visitá-la, assim como é possível visitar o Pátio da Rede, o Grupinho, as olarias da Vila Odilon, a igreja do seminário, o local que abrigou o buracão do Toloto e até as velhas e históricas casas do final da Gaspar Ricardo.





É como colorir uma foto

Reginaldo Pereira Góis

Ourinhos era uma criança de trilhos e poeira, crescendo ao som dos apitos dos trens que cortavam o ar como veias levando vida ao corpo da cidade. O silo branco da Cargill, depois Neva, erguia-se solitário contra o céu claro, sentinela silenciosa vigiando as primeiras ruas que se infiltravam entre os cafezais.

Hoje, os trilhos ainda contam histórias pelas bocas dos netos que ouviram dos avós como era ver a fumaça das locomotivas se misturar às nuvens. Onde antes era chão batido, agora há asfalto. Onde era mato, há avenidas. Mas o coração da cidade — esse não mudou de lugar.

Ourinhos não é só uma cidade que atravessai. É a cidade que atravessa a mim. É onde os primeiros passos pisaram a terra vermelha, onde os primeiros sonhos foram embalados pelo apito distante dos trens e é ali, sob esse mesmo céu que já foi testemunha de tanta história, que um dia quero descansar — porque amor de verdade não muda de endereço.

Tudo mudou, menos o que importa.





E talvez seja isso que uma cidade nos ensina: somos feitos da mesma matéria das fotos antigas. Perdemos o brilho, ganhamos rugas. Mas basta um olhar carinhoso, um cuidado atento, para que as cores voltem, para que a vida escondida no tempo apareça de novo, viva e pulsando.

Restaurar uma foto é, no fundo, um ato de fé: acreditar que nada do que foi amado se perde de verdade, apenas espera a luz certa para ser visto outra vez. Assim é Ourinhos na minha memória — nunca em preto e branco, sempre esperando as cores que só o amor sabe dar. Se um dia a terra desta cidade for meu último endereço, que seja também, ali, meu primeiro recomeço — porque todo fim, quando é feito de raiz e de amor, é só um jeito diferente de continuar.





Ourinhos, o mundo é aqui

Vera Lúcia Mandolini Marcatti

- Vovô, o senhor falou que veio lá do outro lado do mundo! O mundo é longe?

- Depende, o nosso mundo é aqui mesmo...

- Aqui?

- É, o nosso mundo é aqui! Mas tem mais mundo, muito longe. É desse mundo que nós viemos.

- Como chama esse mundo longe?

- Chama Itália!

- E o nosso mundo aqui, como se chama?

- Chama Vila Perino!

- Vovô, o senhor nasceu lá naquele mundo?

- Não, quem nasceu naquele mundo lá longe, chamado Itália, foi meu papai. Eu nasci em um mundo pertinho daqui, Cerqueira César, que fica no Brasil.

- Eu nasci na Vila Perino e o senhor no Brasil?

- Não, nós dois nascemos no Brasil. Eu nasci em Cerqueira César, que fica no Brasil, e você nasceu em Ourinhos, que também fica no Brasil.





- Mas a mamãe falou que eu nasci aqui, na Vila.
Eu posso ir nesse mundo lá longe? O senhor me leva?

- Um dia, quem sabe. Mas por enquanto vamos
conhecendo o mundo inteiro, que está aqui na vila.

- O mundo cabe na Vila Perino?

- Aqui dentro tem o mundo inteiro. Olha, aí
mesmo do lado tem os Tavares, que são de Portugal,
que também fica longe.

- Lá na esquina tem os Tanio que são da Síria,
que fica ainda mais longe. Na rua de trás tem os
Manzano, que são da Espanha. Logo ali tem os Sato,
que vieram do Japão.

- E tem os Laurani, os Rodrigues, os Pedrotti,
os Palmas, os Zanetti.

- Nem preciso ir longe para conhecer o mundo,
vô Virgílio?

- Não, Vera Lúcia, aqui mesmo você vai
conhecer o mundo, conhecer os nossos vizinhos.

E fiquei sabendo que o mundo é aqui mesmo:
Vila Perino, Ourinhos, Estado de São Paulo, Brasil





Nossa terra era vermelha

José Carlos Marão

Aquela poeira fininha entrava pelos poros, marcava em poucos minutos o colarinho branco engomado da camisa de baile, o bolso da calça caqui do uniforme do ginásio.

A poeira se espalhava pela cidade, cobria casas, árvores, e dava à cidade de Ourinhos sua cor típica, imitada, por coerência, nas cores das paredes do grupão e da igreja nova. Até o cinema, envergonhado de sua brancura, segurava grãos de poeira na intenção de se incluir naquele marrom avermelhado.

Uns chamavam de terra roxa, mas Dona Diva Leonis, a professora de Geografia, explicava o engano. Os primeiros italianos chamavam a terra de terra rossa, que quer dizer terra vermelha.

Diziam que tinha vitamina.

Uma vez fizeram um quadrangular de futebol entre a Cambaraense, a Esportiva de Jacarezinho, o Ourinhense e, para completar, trouxeram o Fluminense do Rio de Janeiro.

Está lá no Google e no site do Fluminense: o Ourinhense venceu os cariocas por goleada: 4 a 1.





Pois os cariocas não se conformaram, trataram mal a região, reclamaram, principalmente da poeira. Claro, tinham que viajar para Cambará e para Jacarezinho naquelas estradas de terra.

O Celestino Bório Junior, dono da rádio, respondeu à altura nos comentários da ZYS7.

- Chegam aqui, recebem nossa hospitalidade e reclamam de nossa poeira, que tem vitamina!

- Deveriam mesmo é agradecer.





Vila Nova, Vila Margarida

Euclides Rossignoli

As ruas eram de terra. Nem calçada, nem meio-fio, nem esgoto, nem calçamento. Ruas de um vermelho poeirento, inundadas de luz e calor, onde, nos dias mais quentes, eram comuns os redemoinhos e, dentro deles, invisível, o saci --- era só jogar a peneira e pegá-lo, mas nunca ninguém jogou. Postes com lâmpadas que pouco iluminavam, figurando tomates maduros. Casas de madeira, aqui e ali vizinhando com terrenos baldios. Algumas com varandinhas, outras só uma caixa, com telhado alto. Comuns eram as cercas vivas de leiteira, uma preocupação das mães por causa do leite corrosivo das suas folhas. Assim era a Vila Margarida, a famosa Vila Nova dos anos 1940, dos tempos de menino.

Os nomes das ruas eram bons. Lembravam datas importantes do país e do mundo: a Independência, a República, a Inconfidência Mineira, a Descoberta da América, a Revolução Francesa.

Automóveis e caminhões eram raros. Comuns eram as carroças, algumas bicicletas e carrinhos de mão. As casas, no geral, não tinham forro. A luz do sol chegava pelas numerosas réstias. A água tinha que ser apanhada lá fora junto à tina e à tábua de lavar. A privada ficava no quintal, numa casinha levantada sobre uma fossa repleta de baratas.





Sem televisão nem telefone, as mulheres ficavam em casa, os adultos e a criançada preferiam os jogos de malha e bocha ou os campos de futebol. No Campão da Rua 7 de Setembro surgiu o Paulistinha, criado pelo Angelim Dela Costa e pelo Mingão Furlan. No Campinho da Rua 21 de Abril, surgiu o Corintinha do eletricista Clemente.

Essa era a Vila Nova do Avelinão, do Chico Bucheiro, do Balalaica, do Alemão Sapateiro, do Pedro Campeão, do Ernesto Furlan, do Jesuíno Português, do Ângelo Dela Costa. Dos ferroviários Aquilino Librelato, Cirilo Leite, José Martins, Pedro Canizella, José Malaquias, Ezequiel Rodrigues, Ramon Moreno, Nego Barbosa, Pedroso (pai do Eudes), Gustavo Leite, Luiz Georgeto, João Rossignoli, Sebastião Barbosa, Vicente Queiroz, Lara, Lídio Fiorini, Américo Rogato, Júlio Campeão. Dos motoristas de praça Tomás Frazatto e Vitório Davanso. Dos carroceiros Chico Emídio, Seu Martins (pai da Mariinha), Seu José da dona Dina, Zé do Burrinho. Dos comerciantes Chico Cristoni, Totó Medaglia, Chico Barrigudo, Ambrósio e Frazatto.





É difícil determinar até quando vão os “mágicos anos 50” desta antologia. Certamente, invadiram os anos 60. Por mera convenção, consideramos a FAPI como o marco que separa aqueles tempos da era atua

A primeira FAPI

Vera Lúcia Mandolini Marcatti

Do outro lado da cidade! Lá no Monstrinho!

Nós, aqui, na longínqua Vila Perino, não sabíamos o que era e nem como era a tal FAPI. E tinha que vencer pelo menos uma hora de caminhada.

- Mas vai valer a pena! – disse o pai.

E assim fomos, o pai e os três mais velhos: eu, a Maria Tereza e o José Roberto. A mãe ficou em casa com os 3 menores. No primeiro domingo da Feira, colocamos a melhor roupa, o melhor sapato e saímos, logo depois do almoço. Naquele dia, o almoço foi mais cedo: afinal tínhamos uma grande aventura pela frente.

Lá fomos nós, no maior alvoroço, pelas ruas, ainda de terra, até chegar na Jacinto Sá, que tinha calçamento de paralelepípedo. Os menores já estavam cansados: a caminhada era puxada! Mas eu já estava acostumada com o caminho, indo para a escola todos os dias, lá no Instituto Horácio Soares. E eu mostrava meu orgulho, pois afinal já conhecia lugares e coisas que os menores nunca tinham visto!





O clima era de festa. Em todos os lugares por onde a gente passava pessoas bem-vestidas e animadas também estavam prontas para o grande dia.

Meu Deus, nunca vi nada tão grande! Tão majestoso! Muita gente, movimento para todo lado. Barracas coloridas, parque de diversão, bois, carneiros, aves, e enormes barracões com abóboras, mandioca, pimentões, tomates. Tudo muito grande, gigantesco.

Tinha carrinhos de cachorro-quente, grande novidade para nós. Claro que comemos e bebemos caçulinha da Caiçara, que delícia!

Às 5 horas da tarde teve início o grande rodeio. Às vezes os touros bravos vinham para o lado da plateia e todo mundo saía correndo assustado. Segurança zero para o público, mas estava lotado em toda a volta e na arquibancada do lado contrário de onde estávamos.

Assistimos a tudo, vimos os peões que venceram, e, afinal, fomos embora, não sem antes comermos pipoca, maçã do amor, algodão doce, e, na subida da Expedicionários, mais uma rodada de cachorro-quente no carrinho do Shinit. Se a empresa Shinit ainda existe, não sei, mas, para nós, Shinit é sinônimo de cachorro quente até hoje.

